

LAZER, CULTURA E EDUCAÇÃO: A FORMAÇÃO CULTURAL DE DOCENTES UNIVERSITÁRIOS NOS ESTADOS DO PARÁ E AMAPÁ

Gustavo Maneschy Montenegro¹
gustavo_maneschy@hotmail.com
Hélder Ferreira Isayama²
helderisayama@yahoo.com.br

171

RESUMO

O artigo discute a formação cultural de professores universitários que lecionam disciplinas de lazer, em cursos de Educação Física, nos estados do Pará e Amapá. Os objetivos desse estudo foram: mapear as práticas culturais mais recorrentes nas vidas dos professores universitários do campo do lazer e retratar se esses professores produzem maneiras de ensinar lazer, a partir das experiências culturais que vivenciam. Foram realizadas entrevistas semiestruturada com 11 professores. Os resultados apontaram uso predominante do espaço doméstico para a realização de atividades culturais, sendo que todos os docentes demonstraram construir maneiras de ensinar lazer a partir das próprias experiências culturais, seja problematizando políticas de intervenção no setor; refletindo sobre patrimônio histórico e desenvolvendo atividades como construção de brinquedos. **Palavras-chave.** Lazer. Formação Cultural. Docência.

1. INTRODUÇÃO

Abordar a formação cultural de professores tem um intuito de buscar alternativas para uma lógica predominantemente acadêmica do processo formativo, quase sempre circunscrito à ciência e à técnica (BONDÍA, 2002). A formação escapa de um domínio técnico e racional, pois as experiências mais significativas por nós carregadas, nossas trajetórias de vida, a partir dos lugares de onde nos encontramos, auxiliam-nos a ressignificar a vida pessoal e profissional.

As experiências culturais fruídas pelos docentes podem estimular a sensibilidade, a condição humanística, o engajamento sociocultural, e desta forma, ampliar as próprias referências, diversificar os saberes culturais e contribuir para o exercício da atividade docente. Diante disso, a formação cultural visa qualificar a atuação profissional, seja como possibilidade de conhecer a heterogeneidade dos grupos com que atuamos, diversificar as próprias estratégias de intervenção e, sobretudo, edificar um espaço de experiências significativas, as quais favoreçam o autoconhecimento por parte do professor.

Concordamos com Nogueira (2010), para quem a formação cultural é o processo em

¹ Universidade Federal do Amapá – UNIFAP. Doutor em Estudos do Lazer – UFMG.

² Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Doutor em Educação Física - UNICAMP

que o indivíduo se conecta com o mundo da cultura, entendido como um espaço de diferentes leituras e interpretações do real, concretizado na vivência de diversas manifestações culturais como música, teatro, dança, artes visuais, cinema. Assim, a formação cultural pode oferecer aos indivíduos formas de se reconhecerem pertencentes a um grupo, por meio da aquisição de seus valores, tradições e conhecimentos, além de possibilitar-lhes alçar voos além do que está posto.

Todavia, Nabaes (2016) e Iop (2009) apontam algumas contradições da formação cultural na sociedade contemporânea. A primeira questiona se, na formação cultural, é possível falar em liberdade de escolha, em um contexto que se caracteriza pela standardização, facilitação e banalidade. Nabaes (2016) analisou o consumo cultural de crianças e concluiu que as escolhas estão relacionadas ao que é amplamente divulgado nos meios de comunicação, em especial na televisão e *internet*, dado ao predomínio de sensações visuais em nossa sociedade.

Fazendo um paralelo com o contexto industrial, Nabaes (2016) ressalta que da mesma maneira em que o mercado vende os bens de consumo, existe uma indústria cultural que vende os produtos culturais como condição de afiliação social e meio para a universalização do consumo no âmbito cultural. Com isso, é possível identificar estreita relação com o lazer, pois essa comercialização de produtos culturais se relaciona com as práticas vivenciadas no lazer, como festas, turismo, práticas esportivas, música, apresentações de maneira geral.

Esse avanço das indústrias culturais, como mediadoras da formação cultural do sujeito, nos conduz para uma padronização das experiências culturais (NABAES, 2016; IOP, 2009), provocada, por exemplo, pela influência da mídia televisiva, pelo predomínio do cinema norte-americano na América Latina, pela indústria fonográfica. Esses produtos, por estarem associados à audiência e à vendabilidade, são colocados como mercadorias a serem consumidas, tornando-se importantes meios de formação cultural na sociedade atual.

Na trilha desse pensamento, Iop (2009) comenta que a sociedade contemporânea propicia o consumo e a formação de produtos culturais industrializados, que, muitas vezes, são estranhos aos indivíduos. Assim, a formação propiciada pela indústria cultural, em significativa escala, acaba sendo coisificada como produto de mercado, deixando de ser um bem cultural e passando a ser mais um item para a comercialização. Dessa maneira, são veiculadas imagens, textos, discursos, num processo formativo sem se refletir criticamente sobre seus efeitos.

Embora se reconheça essa crítica, a influência das indústrias culturais não deve ser vista como algo que é assimilado de forma passiva pelo público, pois cada sujeito é capaz de escolher as práticas culturais que despertem seu interesse de consumir, produzir e fruir. Além disso, muitos dos produtos veiculados pelas indústrias culturais apresentam possibilidades de experiência estética, bem como podem se tornar espaços de reflexão e questionamentos sobre

as marcantes desigualdades que encontramos em nosso cotidiano. Sendo assim, faz-se necessário a ampliação e diversificação das práticas culturais por meio do desenvolvimento de políticas públicas no setor.

A formação cultural é uma possibilidade de ampliação da formação profissional, ao trazer, para esse processo, conhecimentos que venham a somar com os saberes mais afeitos às ciências, à técnica e à instrumentalização. Assim, a formação cultural, resultado de nossas vivências e experiências no âmbito cultural, constitui-se de um modo particular para cada sujeito, estando o professor em um constante processo de formação/transformação, tanto no âmbito pessoal como profissional.

Para o campo da docência, a formação cultural contribui para a formação pessoal dos professores e, assim, ensejar uma prática docente mais diversificada, bem como articulada com o contexto social, cultural, político e econômico em que estamos inseridos. Além disso, a formação cultural pode nos levar a reconhecer que a cultura se insere em um contexto de relações de poder (GIROUX, 2011), pois, na sociedade em que vivemos, existem profundas diferenças em termos de vivências culturais, as quais estão ligadas às condições de classe social, gênero, etnia, idade e deficiências, por exemplo.

Diante disso, o lazer se situa como uma possibilidade de formação cultural, na medida em que abarca uma multiplicidade de vivências, como jogos, festas, esportes, danças, músicas, artes e a virtualidade (GOMES, 2014). O lazer é uma necessidade humana e dimensão da cultura, que constitui um campo de práticas socioculturais, vivenciadas ludicamente pelos sujeitos em diversos momentos, locais, tempos e contextos, constituída na articulação de três elementos fundantes, que são a ludicidade, as manifestações culturais e o tempo/espaço social (GOMES, 2014).

Como sugere Isayama (2007), o lazer se caracteriza como um campo de atuação política e pedagógica, onde os profissionais da área podem atuar em uma série de espaços (escolas, colônias de férias, clubes, ONGS, setor privado, projetos sociais), bem como se apropriar de uma diversidade de conteúdos culturais para fundamentar sua intervenção, tais como jogos, esportes, danças, ginásticas e atividades expressivas.

Por outro lado, Melo (2010) entende que o profissional do lazer tem a cultura como objeto e conteúdo de sua intervenção pedagógica, a qual se manifesta em meio a um processo de mediação cultural, o que pode se consolidar por meio de jogos, brincadeiras, atividades esportivas, danças, histórias, lendas, cinema, teatro, música e poesia. Portanto, partimos do pressuposto de que a atuação do profissional do lazer acontece no plano cultural (CAPI, 2016), entendendo que os momentos vivenciados nas diferentes fases da vida, e em contextos variados,

são relevantes para a formação cultural do sujeito.

O lazer abarca uma diversidade de interesses e de vivências, onde os indivíduos podem estar mobilizados a ampliar suas possibilidades culturais, sensibilidades e sensações mais diversas possíveis. Trata-se de um campo de intervenção multidisciplinar, que abarca a contribuição de diversas áreas do conhecimento (Educação Física, Pedagogia, Turismo, Psicologia, Sociologia, História) para uma compreensão mais ampla deste objeto.

Diante disso, ao aprofundarmos sobre as relações tecidas entre cultura e educação, e entendendo que o profissional do lazer realiza uma intervenção pedagógica no âmbito cultural, se apropriando de diversas linguagens culturais como conteúdos possíveis de sua atuação, abordamos o tema da formação cultural de professores universitários que lecionam na área, pois consideramos que a formação cultural do profissional do lazer pode qualificar e expandir ações pedagógicas e políticas no setor.

Portanto, os objetivos que orientaram esta pesquisa foram: mapear as práticas culturais mais recorrentes nas vidas dos professores universitários do campo do lazer e retratar se esses professores produzem maneiras de ensinar lazer, a partir das experiências culturais que vivenciam.

2. METODOLOGIA

O estudo consistiu de uma combinação da pesquisa bibliográfica com a entrevista semiestruturada. A pesquisa bibliográfica teve como eixos de referência temáticas associadas ao lazer e formação profissional, formação docente, formação cultural. A segunda consistiu de uma entrevista semiestruturada com professores universitários que lecionam disciplinas de lazer, em cursos de Educação Física, nos estados do Pará e Amapá.

Realizamos um levantamento do número de universidades públicas com cursos de Educação Física na Região Norte via e-MEC. Com isso, identificamos oito cursos em instituições públicas, sendo elas: Universidade Federal do Pará (UFPA) e Universidade do Estado do Pará (UEPA); Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e Universidade Estadual do Amazonas (UEAM); Universidade Federal do Amapá (UNIFAP); Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Roraima (IFRR) e Universidade Estadual de Roraima (UERR); Universidade Federal do Acre (UFAC).

Em um primeiro momento, foi feito contato por *e-mail* e por telefone com as coordenações e/ou departamentos acadêmicos dessas instituições, a fim de solicitar o contato e

identificar quantos professores lecionavam disciplinas sobre o tema lazer. Das oito instituições, apenas três retornaram informando o quantitativo de docentes que lecionavam nesta área, bem como a forma de contatá-los, sendo elas a UFPA, a UEPA e a UNIFAP. Portanto, a pesquisa foi circunscrita a dois estados da Região Norte, Pará e Amapá.

Dessa maneira, obtivemos um total de dezoito professores que poderiam fazer parte da pesquisa. O segundo passo foi entrar em contato com os professores, via *e-mail* e por telefone, explicando o intuito da pesquisa e convidando-os a participar do estudo. Desse total de dezoito, onze professores retornaram positivamente, mostrando interesse em participar da investigação. Do grupo de onze docentes, três são homens e oito são mulheres.

Em função das características da pesquisa, a coleta de dados ocorreu em cinco cidades, ficando o total de professores, por cidade e instituição, distribuído da seguinte maneira: na cidade de Belém foram quatro professores, sendo três docentes que lecionam na UFPA e um na UEPA; dois professores que lecionam no curso de Educação Física, *campus* da UFPA na cidade de Castanhal/PA; um professor que leciona no curso de Educação Física no *campus* da UEPA, cidade de Conceição do Araguaia/PA; um professor que leciona no curso de Educação Física no *campus* da UEPA, cidade de Tucuruí/PA; Três professores que lecionam no Curso de Educação Física da UNIFAP, *campus* da cidade de Macapá/AP.

Vale ressaltar que o grupo de partícipes desta pesquisa é heterogêneo, na medida em que alguns dos sujeitos entrevistados possuíam uma trajetória no campo dos Estudos do Lazer, seja na docência ou mesmo na pesquisa. Contudo, alguns professores não tinham essa incursão na área, lecionando nas disciplinas de lazer em função de obrigações institucionais e de cumprimento de carga horária. Porém, não foi opção realizar um recorte em termos de tempo de atuação ou de incursão na área, mas, sim, contar com essas diferenças de olhares na pesquisa. Percebemos que esta é uma realidade na docência no campo do lazer dentro do contexto pesquisado: de um lado, encontramos sujeitos que possuem uma imersão na área e desenvolvem longas experiências como professores no campo, ao passo que, em outros locais, existe uma relação mais transitória e eventual no que concerne à docência na área.

A análise dos dados ocorreu mediante o uso da técnica da Análise de Conteúdo (FRANCO, 2008). Trata-se de buscar compreender, criticamente, o sentido manifesto e/ou oculto das comunicações, por isso, ao usar a análise de conteúdo, o pesquisador deve estar atento para descrever, analisar e interpretar as mensagens/enunciados de todas as formas, procurando ver o que está por “de trás” das palavras. A partir desse momento, desmembramos as falas dos professores, aproximamos os conteúdos convergentes e organizamos as falas em categorias para melhor interpretá-las e discutí-las.

3. DESENVOLVIMENTO

3.1 - As experiências culturais docentes

Diante disso, pesquisamos as práticas culturais mais recorrentes dos docentes, no sentido de conhecer tais atividades e de compreender sua formação cultural, entendendo que essa formação é parte do processo educativo. Para tanto, realizamos perguntas que buscavam saber sobre a rotina diária dos professores; sobre o que eles gostavam e vivenciavam no lazer; quais espaços e atividades tinham o costume de frequentar/realizar; se existiam lugares que os docentes gostariam de frequentar, mas que não estavam frequentando.

Percebemos um conjunto de práticas culturais fruídas pelos docentes, desde atividades de âmbito doméstico, como assistir à televisão e a filmes, escutar músicas, receber amigos em casa, acessar a *internet*, leituras, bem como atividades vivenciadas em diversos espaços das cidades, como bares, orlas, restaurantes, cinemas, casas de shows, teatros, espaços naturais, parques, livrarias. No entanto, as entrevistas revelaram uma dificuldade por parte dos professores em dispor de tempo para as atividades de lazer, sobretudo em função de uma rotina ocupada por obrigações profissionais. Em suas palavras:

Meu lazer é muito particular, tenho algumas horas, mas nunca parei para analisar quanto, mesmo assim acredito não ser o suficiente (Professora 7).

A gente tem uma carga diária de trabalho muito intensa, a gente trabalha com as disciplinas, em dois mestrados também. Agora mesmo estamos recebendo as provas da seleção do mestrado são 600 candidatos, cada docente vai ler aí em média 100 provas, isso é uma rotina que nós temos diária (Professor 4).

As pesquisas desenvolvidas por Pinto (2008) e Silvestre (2016) também constataram a falta de tempo para atividades de lazer por parte de professores. Pinto (2008), analisando o lazer no cotidiano pessoal e familiar de professores da Universidade Federal de Viçosa (UFV), apontou que o ato de lecionar, orientar, coordenar atividades, gerenciar projetos, assumir atividades administrativas, participar de eventos, reuniões institucionais, participar de comissões faz parte do cotidiano de trabalho do professor universitário. Assim, esse acúmulo de responsabilidades, em diversas ocasiões, faz com que o profissional apresente dificuldades de administrar diferentes demandas, o que, conseqüentemente, reduz ou elimina atividades de lazer da sua rotina. O autor constatou que o lazer, em alguns momentos, deixa de existir para esses docentes, em função da falta de tempo, da falta de espaço e da falta de políticas de lazer.

Silvestre (2016) analisou os usos do tempo de lazer entre os professores da Secretaria

da Educação do Estado de São Paulo, na cidade de Campinas. O estudo contou com a participação de 29 trabalhadores docentes. Silvestre concluiu que o trabalho permeia a vida do professor em sua totalidade, com um claro avançar do tempo de trabalho sobre as demais esferas de sua vida, constatando que as condições precárias de trabalho vivenciadas pelos professores reverberam em relações precárias com o lazer. Segundo o autor, os professores enfrentam a falta de tempo e recursos financeiros para vivenciar o lazer de que gostariam, como idas a espaços públicos e/ou acesso a teatros, shows, exposições, dentre outras manifestações culturais.

Assim, todos os professores que entrevistamos expuseram ter uma rotina intensa de trabalho, que envolve aulas na graduação, dois professores mencionaram fazer parte de programas de pós-graduação *stricto sensu*, participação em bancas/orientação de TCC e dissertações, estudos de doutoramento, estágio, participação em comissões, cargos administrativos nas instituições em que atuam, o que acaba diminuindo o tempo para o lazer. Dessa maneira, foi comum observar que o espaço doméstico e o ambiente familiar têm um papel relevante no que concerne às práticas de lazer dos docentes, fator que pode ser influenciado pela restrição de tempo e falta de políticas públicas para o lazer.

Dos 11 docentes entrevistados, dez mencionaram o espaço doméstico, bem como o contexto familiar e a sociabilidade entre amigos, como o palco de importância para a realização de atividades de formação cultural. Alguns relatos dos professores que exemplificam essas afirmações podem ser:

Gosto de ficar em casa (...) Ultimamente tenho ficado em casa no ócio (Professora 7).

Eu fico em casa lendo, acompanhando algumas coisas para o doutorado, durante a semana, basicamente eu vivo lazer em casa (Professor 3).

Faço atividades em casa, acesso *internet*, vejo jornal, notícias, redes sociais, e assisto bastantes filmes na *Netflix* (Professora 5).

Dessa maneira, a pesquisa explicitou que o espaço doméstico, as relações familiares e o contato com amigos mostraram-se recorrentes como *locus* das atividades de lazer, evidenciando a aproximação que os professores constroem com suas famílias e o espaço da casa para as práticas culturais. Essa ligação foi apontada por Pinto (2008), o qual constatou que o lazer de professores universitários privilegia o convívio familiar, uma vez que a maioria afirma ter como companhia, nessas atividades, os filhos ou outros familiares.

Na esteira dessa discussão, Ribeiro (2014), que estudou as práticas culturais de docentes que lecionam em cursos de Pedagogia, na cidade de Belo Horizonte, apontou que os professores têm uma tendência a desenvolver práticas culturais em âmbito doméstico, tendo ênfase as

relações de socialização com amigos e familiares. Portanto, o espaço doméstico e as relações familiares tornam-se recorrentes no que se refere às práticas de formação cultural dos docentes.

Zingoni (2008) e Melo e Peres (2005) ressaltam o aumento da vivência do lazer em casa, com predomínio para atividades associadas ao uso dos meios de comunicação (TV, rádio, revistas, *internet*, filmes, ouvir música). Além disso, os autores apontam que na sociedade atual, tende-se a uma privatização das vivências cotidianas, sendo possível observar que as pessoas se restringem cada vez mais a seu espaço doméstico, utilizando os equipamentos tecnológicos como mediadores de seu contato com a realidade, o que acaba por reduzir sensivelmente as expressões humanas e afetivas.

Sendo o espaço doméstico e as relações familiares esse núcleo que extrapola uma condição biológica, mas que tece relações sociais, culturais, afetivas e que, portanto, são favoráveis à diversificação de experiências, é compreensível que esse ambiente atue com significativa relevância, no que diz respeito às práticas de lazer e de formação cultural dos professores. Esse fato pode ser explicado pela falta de tempo para se dedicar a outras atividades por parte dos docentes, pois não é raro, no cotidiano de professores, seja da Educação Básica ou do Ensino Superior, os profissionais ocuparem parte considerável da vida, inclusive os finais de semana, para se dedicarem a atividades como planejar aulas, fazer leituras, ler e escrever relatórios, corrigir trabalhos e, ainda, cumprir obrigações familiares.

Os professores também expuseram atividades fora do espaço do lar, onde, geralmente, buscam ações que lhes proporcionem formação, diversão, descanso, sociabilidade e contato com os amigos. Diante disso, as atividades mais mencionadas pelos docentes foram práticas de lazer relacionadas ao meio ambiente, tendo sido elencados também cinema, teatro, dança, atividades físico-esportivas, espetáculos culturais e bares.

A atividade mais mencionada pelos professores diz respeito às práticas de lazer que envolvem uma aproximação com o meio ambiente, relatadas por oito professores. Nesse grupo, os professores descreveram atividades como ir a praias, ilhas, igarapés, passear em orlas à beira rio, pescar, descansar à beira de rios.

Outra coisa é nadar, também tento me organizar, pelo menos de quinze em quinze dias, eu gosto muito de nadar, tomar banho de rio mesmo (Professora 10).

eu gosto muito de procurar um lugar que eu tenha uma vista para a água, nem que seja só para ir pra um lugar que eu possa ver o rio (Professora 8).

Eu, por exemplo, me identifico muito sobre essas caminhadas que eu gosto de fazer na orla da cidade, aquilo ali renova também, é um momento que a gente vai refletir sobre todas essas questões e aproveitar para fazer a nossa caminhada (Professor 4).

Ou fico em casa, ou vou para algum recanto de igarapé (Professora 7).

Essa associação das práticas de lazer com o meio ambiente é fruto das próprias características da Região, onde ainda é possível encontrar praias, igarapés, orlas de rios, ilhas, áreas verdes para passeios, locais que exercem influência na maneira como as pessoas têm de se relacionar com o ambiente, e que, portanto, favorece vivências de lazer nesse contexto. Bahia e Figueiredo (2014) destacam que a relação lazer e meio ambiente é uma experiência psicológica, cuja qualidade pode estar diretamente interligada à dependência das expectativas dos usuários, em relação a essas áreas. Segundo os autores, essa relação deve ser pautada sob uma perspectiva em que o lazer atue como meio educativo, capaz de proporcionar vivências modificadoras de valores, da contemplação, de atitudes e do exercício da liberdade.

Além das atividades relacionadas ao lazer e meio ambiente, os professores mencionaram um conjunto diverso de atividades culturais. Dentre essas práticas, o cinema foi a mais mencionada, sendo citada por cinco docentes; teatro, atividades físicas e espetáculos culturais por quatro professores; bares e danças por três professores cada.

Em geral, eu tenho optado pelo cinema (Professora 10).

Gosto muito de ir para barzinho que tem uma música ao vivo (Professora 8).

Eu tenho priorizado a questão da atividade física, de manhã cedo, 5 horas da manhã eu estou na atividade física, dividindo entre o pilates, o exercício resistido e caminhada (Professora 2).

Gosto de assistir espetáculos de práticas corporais, de ginástica, de dança (Professor 3).

O estudo realizado pela Unesco (2004) mostra que atividades como teatros e cinemas estão entre as mais realizadas por professores, embora a frequência nestes espaços nem sempre sejam constantes. Segundo o documento, quase metade dos professores (49,2%) vão ao cinema algumas vezes por ano, 20,4% uma vez por mês e 5,8% uma vez por semana. Quanto ao teatro, 52,2% afirmam ir algumas vezes por ano e 17,8% nunca vão ao teatro.

Ações como idas a bares, atividades físicas, espetáculos culturais e danças também foram apresentadas pelos professores como práticas de formação cultural. Embora os docentes tenham apresentado um limite de tempo para o desenvolvimento de atividades de lazer, esse grupo de entrevistados demonstrou realizar um conjunto diverso de práticas culturais.

Embora essas atividades tenham sido descritas pelos docentes como vivências fora do espaço doméstico, é possível notar que nem sempre são realizadas com frequência, pois, nas próprias falas dos professores, observamos expressões como “tento me organizar”, “quando dá, eu faço isso”, “quando estou fora daqui é que vivencio mais coisas”, “às vezes eu vou passear na orla”, “de vez em quando”, “eu tenho me desprendido dessas coisas”, o que sugere

dificuldade por parte dos professores em encontrar tempo e condições para desenvolvê-las.

3.2 - A formação cultural e a docência no lazer

A partir da discussão anterior passamos a tentar entender se os professores participantes do estudo produziam maneiras de ensinar lazer a partir das próprias experiências culturais, ou seja, se as práticas de lazer destes professores são tomadas como referências para elaborar meios de ensino do lazer nas disciplinas que lecionam.

Desse modo, questionamos os professores para saber se as vivências culturais, de algum modo, tinham contribuído para a prática docente no âmbito do lazer. Todos os docentes responderam positivamente a essas questões, destacando situações em que as próprias vivências de lazer são trazidas para o interior da sala de aula, geralmente, com o intuito de realizar debates, exemplificações, atividades práticas e proporcionar/problematizar vivências culturais aos discentes. Alguns relatos representativos desta afirmação são:

Meu avô me ensinou a fazer brinquedos de miriti, isso eu trago para dentro da sala de aula, para dentro da disciplina, essas vivências (Professora 2).

A minha própria experiência com dança, eu tento desconstruir os preconceitos em relação a ritmos como o Axé, o *funk*. E o *Ballet* Clássico? por que que ele foi tratado para as classes mais abastadas? Então é nesse sentido, tentar desconstruir esses preconceitos existentes (Professora 10).

Fizemos uma identificação de espaços turísticos na cidade de Macapá, quando descobri que a maioria dos estudantes nunca tinha visitado a Fortaleza de São José. Já tinha ido várias vezes em diferentes ocasiões. Então fomos (Professora 9).

A formação cultural dos professores pode ser encarada como um conhecimento que atua não só para a própria formação pessoal. A partir das diferentes visões fornecidas pelas experiências culturais praticadas, os docentes (re)elaboram seus próprios entendimentos e constroem maneiras de ensinar. Como pode ser notado, atividades como construção de brinquedos, dança, visitas em espaços turísticos, ou seja, uma série de vivências que remontam desde a infância, até os tempos atuais, são utilizadas como tema de reflexões/vivências sobre o lazer na sala de aula. Isso evidencia que docência não se organiza apenas pelo conhecimento acadêmico, mas a formação cultural dos professores também se estrutura como saber que auxilia na construção de maneiras de ensinar. Portanto, investir na formação cultural de professores é investir na própria educação. Neste caminho, autores do campo dos Estudo do Lazer também empreenderam análises sobre a formação cultural de profissionais.

Silva e Isayama (2015) destacam que os professores universitários do campo do lazer, antes mesmo de vivenciá-lo como disciplina da formação, têm diversas experiências pessoais de lazer, as quais produzem alguns afetos, inscrevendo marcas e deixando vestígios. Assim, os

autores afirmam que os professores mobilizam experiências de lazer como formadoras de saberes para a prática docente, desde as atividades da infância, como as práticas de lazer no contexto atual.

Capi (2016) sugere que a formação cultural busque estimular as ações do profissional, valorizando e democratizando as diferenças e os olhares sobre uma realidade. Diante disso, o autor entende que a intervenção acontece no plano cultural, envolta por atividades de lazer que englobam interesses humanos, linguagens e manifestações. Desse modo, a busca por diferentes experiências contribui para a formação cultural, pois permite ao profissional conhecer e sentir novas sensações, as quais podem desencadear na construção dos saberes sobre lazer, tornando-se conteúdos trabalhados na atuação profissional (FRANÇA, 2010).

Nesse quesito, França (2010) afirma que as experiências pessoais de lazer, vivenciadas pelos profissionais da área, atuam no sentido de construir saberes, indagações, questionamentos e práticas de atividades que são recrutadas e ressignificadas pelos profissionais para a construção de um saber profissional. Em outras palavras, a autora ratifica que os sentidos e significados do saber da experiência cultural ressaltam relações entre o ser profissional e o mundo do trabalho em lazer. Assim, o fluir dessas experiências, no contexto cultural, aflora em um pensar sobre as práticas de lazer.

As experiências culturais são incorporadas no trabalho cotidiano do profissional, ampliando o sentido e o significado atribuído ao lazer na sociedade. Além disso, conectam-se com as intervenções pedagógicas desse profissional, a fim de tornar a cultura uma esfera da vida dos sujeitos, que deve provocar o questionamento e a problematização de “verdades”, de conhecimentos, de saberes, do currículo e da educação, produzidas na vida e na sociedade (CAPI, 2016; FRANÇA, 2010; SANTOS, 2014).

Dessa maneira, os currículos de formação profissional no lazer podem situar este objeto como um elemento cultural presente no cotidiano das pessoas, vez que ele mobiliza questões políticas, econômicas, históricas e sociais, fazendo parte da cultura material e simbólica dos sujeitos (SANTOS, 2014). Diante disso, a prática do lazer torna-se elemento indispensável para compreender a sociedade, seus problemas, suas injustiças e também faz parte de um conjunto de ações que podem tornar a sociedade qualitativamente melhor.

Na trilha deste raciocínio, Giroux e McLaren (2011) enfatizam a importância de tornar o social e o cultural elementos de problematização na educação contemporânea. Nessa interpretação, a formação é vista sob a lógica da pluralidade, da contestação e da resistência, em que a cultura da sala de aula se comunica com a cultura cotidiana, produzindo negociações, rejeições e experiências concretas. Como sugerem os autores, professores e alunos precisam ter

a oportunidade de contribuir com suas histórias culturais e pessoais em prol de um ensino problematizador e democrático.

Sendo assim, percebemos que as práticas culturais dos professores são tomadas como instrumentos/ferramentas para construir diferentes modos de falar sobre a educação e o lazer na formação profissional, demonstrando que pedagogia e cultura podem ser vistas como campos de luta que interagem (GIROUX e MCLAREN, 2011). Identificamos que memórias das práticas culturais, vivenciadas na infância ou na fase adulta, são apropriadas como local/espço para construção de maneiras de ensinar e refletir sobre o lazer. Parece imprescindível que o professor que atua nesse campo tenha formação cultural ampla, atualizada e desprovida de preconceito, ao se ter em vista formar profissionais comprometidos com a qualidade do acesso às políticas de lazer.

O processo de formação do profissional do lazer deve ser pautado em princípios que reflitam política, intelectual, científica e socialmente em luta e tensão do reconhecimento da diversidade e diferença cultural, visando a uma atuação que resulte em intervenções críticas. Buscando a atuação qualificada e potencialmente educativa, a formação profissional deve sustentar-se numa base indissociável de teoria e prática, ou seja, a formação técnica operacional associada à política, intelectual e cultural, assim como considerar a história de vida do profissional e sujeitos envolvidos nas ações de lazer (SILVA, 2017).

4. CONCLUSÕES

Esta pesquisa tomou como foco de discussão a formação cultural de professores universitários que lecionam disciplinas de lazer nos estados do Pará e Amapá. Identificamos uso predominante do espaço doméstico e das relações familiares como cenário para a realização de atividades culturais. Os docentes entrevistados mencionaram o espaço doméstico, bem como o contexto familiar, em que descansam, assistem à televisão e filmes, escutam músicas, recebem amigos, acessam a *internet* e realizam leituras e a sociabilidade entre amigos, como o palco para a realização de atividades de formação cultural.

O grupo de docentes também expôs a realização de atividades fora do espaço doméstico. As atividades mais mencionadas pelos docentes foram as práticas de lazer em aproximação com o meio ambiente, o que ocorreria em função próprias características da Região, onde ainda é possível encontrar praias, igarapés, orlas de rios, ilhas, áreas verdes para passeios, locais que exercem influência na maneira como as pessoas têm de se relacionar com o ambiente, e que,

portanto, favorece vivências de lazer nesse contexto. Todavia, outras práticas também foram mencionadas, tais como cinemas, teatros, danças, atividades físico-esportivas, espetáculos culturais e bares.

Diante disso, todos os professores indicaram que as práticas culturais os auxiliam a construir maneiras de ensinar lazer das mais diversas formas, seja problematizando atividades como construção de brinquedos; dança; visitas em espaços turísticos. Portanto, uma série de vivências, que remontam desde a infância, até os tempos atuais, são utilizadas como temas de reflexões/vivências sobre o lazer na sala de aula. Isso evidencia que a formação cultural dos professores também se estrutura como saber que auxilia na construção de maneiras de ensinar

Diante disso, apontamos que estratégias de ensinar, elaboradas pelos professores, não se separam das experiências pessoais, mas, pelo contrário, a cultura se insere no ensino desenvolvido pelos docentes, o que esclarece a impossibilidade de qualquer tipo de neutralidade no ato educativo. Logo, a “voz” do professor reflete os valores, os sentidos e os significados construídos ao longo da sua trajetória formativa, em que a inserção do docente no mundo cultural, em grande medida, influencia o trabalho cotidiano dos educadores.

O lazer se caracteriza como uma área da vida social onde saberes são produzidos, preconceitos podem ser questionados e relações sociais mobilizadas. Não percebemos o lazer como um campo neutro, ausente de relações de poder, mas que essas vivências podem reforçar opressões de classe social, de gênero e étnico raciais, mas também, apresentam potencial para estimular a sensibilidade, a amorosidade e o conhecimento, alargando nossas experiências culturais e ampliando nossas formas de ver a sociedade que nos circunda.

Para profissionais que atuam com a temática do lazer, a formação cultural deve ser um ponto observado com atenção, pois podem se apropriar de uma série de linguagens culturais como objeto de sua intervenção. Portanto, nos parece fundamental a edificação de processos formativos capazes de dialogar com a diversidade de saberes, de identidades culturais, de realidades, de experiências de vida, mobilizando o desafio, à criatividade, à capacidade de escuta, o comprometimento/engajamento na luta político-social para um mundo qualitativamente melhor e com respeito às liberdades democráticas.

LEISURE, CULTURE AND EDUCATION: CULTURAL TRAINING OF UNIVERSITY TEACHERS IN THE STATES OF PARÁ AND AMAPÁ

ABSTRACT

The article discusses the cultural formation of university teachers who teach leisure subjects, in Physical Education courses, in the states of Pará and Amapá. The objectives of this study were: to map the most recurrent cultural practices in the lives of leisure university professors and to portray whether these teachers produce ways of teaching leisure, based on the cultural experiences they experience. Semi-structured interviews were conducted with 11 teachers. The results pointed to the predominant use of the domestic space for cultural activities, and all teachers demonstrated to build ways to teach leisure based on their own cultural experiences, whether problematizing policies of intervention in the sector; reflecting on historical heritage and developing activities such as toy construction. **Keywords:** Leisure. Cultural Training. Teaching.

REFERÊNCIAS

BAHIA, Mirleide Chaar; FIGUEIREDO, Silvio de Lima. Lazer em áreas verdes públicas urbanas. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.81-93, jan./abr. 2014.

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**. n. 19, p. 20-28, Jan/Fev/Mar/Abr. 2002.

CAPI, André Henrique Chabaribery. **Uma análise sobre a trajetória e a formação de formadores do programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC) 2016**. 2044f. Tese (Doutorado em Estudos do Lazer)- Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FRANCO, Maria Laura. **Análise de conteúdo**. Brasília: Liber Livro Editora, 2008.

FRANÇA, Teresa Luiza de. Construção do Saber na formação profissional em lazer. In: ISAYAMA, Helder (Org.). **Lazer em Estudo: currículo e formação profissional**. Campinas, SP: Papyrus, 2010. p. 9-25.

GIROUX, Henry A. Praticando estudos culturais nas faculdades de educação In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org). **Alienígenas na sala de aula**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. p. 83-100.

GIROUX, Henry; MCLAREN, Peter. Formação do professor como uma contraesfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, Antônio Flávio; SILVA, Tomaz Tadeu (Orgs) **Currículo, Cultura e Sociedade**. São Paulo: Cortez, 2011. p. 141-173.

GOMES, Christianne Luce. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v1, n.1, p. 3-20, jan/abr. 2014.

IOP, Elizandra. Formação cultural, Semicultura e Indústria Cultural: contribuições de Adorno sobre a emancipação. **Revista Espaço Pedagógico**. v. 16, n. 2, p. 20-33, jul./dez. 2009.

ISAYAMA, Hélder. Reflexões sobre os conteúdos Físico-esportivos e as vivências de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org) **Lazer e cultura**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2007. p. 31-46.

MELO, Victor Andrade de. A formação cultural do animador cultural: antigas reflexões,

persistências, continuidades. In: ISAYAMA, Helder (Org.). **Lazer em Estudo: currículo e formação profissional**. Campinas: Papirus, 2010. p. 127-142.

MELO, Victor Andrade de; PERES, Fabio de Faria. A cidade e o lazer: as desigualdades sócio-espaciais na distribuição dos equipamentos culturais na cidade do Rio de Janeiro e a construção de um indicador que oriente as ações em políticas públicas. **Movimento**. Porto Alegre, v. 11, n. 3, p. 127-151, set/dez 2005.

NABAES, Thaís de Oliveira. Formação cultural e sociedade de consumo: apontamentos oriundos de uma pesquisa-ação. **Educação**. v. 41, n. 2, p. 343-357, maio/ago. 2016.

NOGUEIRA, Monique Andries. Formação cultural de professores. **Salto para o futuro: formação cultural de professores**. Ministério da Educação: 2010. Disponível em <http://cdnbi.tvescola.org.br/resources/VMSResources/contents/document/publicationsSeries/10343907-formacaocultural.pdf>. Acesso em 16 de setembro de 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA/UNESCO. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam**. Pesquisa Nacional UNESCO. São Paulo: Moderna, 2004. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001349/134925por.pdf>. Acesso em: 22 de Ago, 2015.

PINTO, Samuel Gonçalves. **Relações entre família, trabalho e o lazer: o caso dos professores da Universidade Federal de Viçosa**. 2008. 97f. Dissertação (Mestrado em Economia Doméstica) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

RIBEIRO, Renata Nayara. **Práticas culturais de professores universitários que atuam em cursos de pedagogia**. 2014. 154f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

SANTOS, Samuel. Estudos Culturais e formação profissional em lazer: das identidades e concepções de sujeitos. **Revista Lusófona de Estudos Culturais**. v. 2, n.1, p. 174-193, 2014

SILVA, Marcília de Sousa. A formação profissional e o lazer: questões e enfoques. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 38-56, mai./ago. 2017.

SILVA, Adriano Gonçalves da; ISAYAMA, Hélder Ferreira. A construção do saber de professores universitários do campo do lazer. **Revista Educação e Cultura Contemporânea**, v. 12, n.29, p. 213-240, 2015.

SILVESTRE, Bruno Modesto. **Precários no trabalho e no lazer: um estudo sobre os professores da rede estadual paulista**. 2016. 140f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

ZINGONI, Patrícia. O lugar das famílias nas políticas de lazer. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Lazer e Sociedade: múltiplas relações**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2008. p 83-104.

Recebido em 31 de julho de 2019. Aprovado em 17 de setembro de 2019.



A **Revista Educação, Cultura e Sociedade** é uma publicação da Universidade do Estado do Mato Grosso – Brasil – iniciada em 2011.